

AS ORGANIZAÇÕES NA ATUALIDADE

Alice Taunay Cordeiro de Melo

As Organizações na Atualidade: a necessidade de investimento no Capital Sensível, como fundamento indispensável para o desenvolvimento sustentável das organizações num mercado em expansão.

Esse texto é um recorte do trabalho desenvolvido por Beatriz Breves, sobre “As Organizações e o Capital Sensível”.¹

Na Era Industrial que começou por volta de 1950, a relação de trabalho ocorre como uma forma disfarçada de escravidão, cuja troca sob a forma de dinheiro, encobre uma condição análoga a de escravo, uma vez que, era negado ao indivíduo exercer a sua capacidade de pensar, criar e sentir.

Os trabalhadores assemelhavam-se aos robôs, indo todos os dias ao trabalho, apenas para executar as tarefas que lhes eram impostas pela organização. Logo, impedidos de gerenciar o seu potencial de produção, tornavam-se seres humanos infelizes.

Não se trata do “quantum” que recebiam mensalmente na forma de salário, mas sim, na falta de liberdade para exercer de forma criativa a sua humanidade. Temos neste caso, uma relação de trabalho arbitrária, que impõe ao trabalhador uma ideologia que o impede gerenciar a sua própria vida.

A organização determinava a marca, a qualidade e a quantidade do produto, ignorando a qualidade de vida dos trabalhadores, ficando, conseqüentemente, muito aquém da sua real capacidade de produção, em virtude da política laboral adotada.

Ocorre que, o mercado consumidor começou a se movimentar no sentido de uma mudança, deixando de ser passivo, e passando a exigir qualidade, melhor tecnologia e inovação dos produtos oferecidos.

Portanto, uma mudança de paradigma obriga as organizações a investir no Capital Humano, mormente no Capital Intelectual, para atender as novas exigências do mercado consumidor.

Ocorre, portanto, uma mudança na política na organização, que deixa de administrar pessoas e passa a administrar com pessoas, emergindo dessa forma, o investimento no Capital Intelectual, como recurso indispensável para a permanência num mercado competitivo.

Se antes, a valorização do indivíduo se dava por sua dedicação à empresa, hoje em dia, na chamada Era do Conhecimento, o importante é a capacidade, competência e criatividade do trabalhador. Apesar da mudança de paradigma que ocorreu com as exigências do mercado, os sentimentos permaneceram relegados a um segundo plano.

¹ Breves, Beatriz. AS ORGANIZAÇÕES E O CAPITAL SENSÍVEL. in: Introdução ao Conhecimento de Grupos e ao Capital Sensível - C. Autores e SoCiS. 2017 - Livro-texto de Apoio ao Curso “Grupo no Campo do Sentir”.

Na cultura ocidental, o ideal de ser humano está centrado na racionalidade e no quantitativo, ignorando o sensível e qualitativo. Tanto na Era Industrial quanto na Era do Conhecimento, o ser humano é concebido como uma máquina, sendo que nos dias atuais, há um enfoque na competência e na criatividade, porém, os sentimentos continuam a ser ignorados.

Todo esse preconceito em relação aos sentimentos, tem feito a sociedade pagar um preço muito alto, porque maltratar os sentimentos, é a via direta para a violência contra si mesmo e/ou contra o outro. A consequência direta recai sobre o Capital Sensível, ou seja, o trabalhador, tornando-se apático, indiferente e infeliz, insensível na execução da tarefa.

Os sentimentos humanos quando identificados e administrados, viabilizam a alegria de viver e o potencial criativo.

Se pensarmos o ser humano, como um complexo vibracional macromicro em constante interação, inevitavelmente, um grupo de pessoas forma um grande complexo vibracional.

Sentindo-se satisfeito, respeitado, feliz, pertencendo e amparado, o trabalhador através de um vínculo forte com a organização, sentirá o seu local de trabalho como um self objeto empático. A interação harmônica dos trabalhadores na organização, irá vibrar para além da mesma, ressoando nos consumidores sentimentos de bem-estar e confiança.

Podemos então definir o Capital Sensível como o sentimento proveniente da qualidade vibracional dos vínculos, que se estabelece entre os trabalhadores, e entre o consumidor e a organização. Trata-se, portanto, da vibração dos diversos “Capitais Sensíveis”, assim como, a sinfonia tocada por uma orquestra é o resultado do som dos diversos instrumentos individuais.

Qualquer marca que provoque uma qualidade de vibração na realidade psíquica do consumidor, funciona como um adjetivo de algo bom ou ruim, transformando o substantivo que a identifica no adjetivo que a qualifica. Portanto, é através da vibração na realidade psíquica do indivíduo, que ocorre a mobilização do sentimento.

A organização é formada por pessoas que nela trabalham, mas não somente isso, também faz parte da organização as pessoas que consomem o seu produto. Cada comprador que divulga o produto adquirido, passa a ser um vendedor em potencial, logo a propaganda boca a boca, tem um efeito vibracional.

Finalizando, é necessário que as organizações percebam a profundidade do assunto, e na medida que passarem a entender o ser humano como um complexo vibracional macromicro, indivisível, cujo sentir é a experiência experienciada da vibração, irão perceber a necessidade do investimento no Capital Sensível, para que alcancem no mercado competitivo o sucesso almejado de forma sustentável.

UMA EXPERIÊNCIA NA CLÍNICA²:

Certa ocasião atendi em meu consultório um paciente francês que me disse que não queria viver para trabalhar, e sim, trabalhar para viver, e eu perguntei:

- Como assim?

Ele me respondeu:

- Eu não quero passar a minha vida trancado na sala de uma empresa, trabalhando até morrer, eu quero antes de tudo viver, eu tenho um barco e amo velejar...

Eu perguntei:

- E então?

Ele respondeu:

- Então, quando eu voltar para o meu país, vou trabalhar num sistema de NETWORK, sistema de rede, através do qual posso trabalhar em qualquer lugar, inclusive dentro do meu barco... e, naquele momento, o seu semblante se iluminou...

Apesar de não entender muito bem como funciona esse sistema de NETWORK, naquele momento ressoou dentro de mim, um sentimento muito agradável, por ter encontrado alguém que vislumbrou e escolheu um caminho livre de amarras psicológicas e/ou vinculado a uma política empresarial, que lhe roubaria as suas energias e o fariam maldizer a vida... ao contrário, estava animado para viver uma nova experiência, através da qual poderia dar o melhor de si mesmo, sentindo-se muito bem...

RJ, 3/5/2018.

² Exemplo referente a clínica da autora do artigo – psicóloga Alice Taunay Cordeiro De Melo.

BIBLIOGRAFIA:

Breves, Beatriz. Introdução ao Conhecimento de Grupos e ao Capital Sensível. livro-texto de Apoio ao Curso “Grupo no Campo do Sentir” – RJ. Clube dos Autores e SoCiS. 2017.